

# DESIGNEM PORTUGAL DE 1870 A 1970

ILU/TRAÇÃO, REVI/TA/, BROCHURA/, CARTAZE/, EXPO/IÇÃO, PROPAGANDA DE E/TADO, PUBLICIDADE, DE/ENHO DE LETRA/, LIVRO/, FILME/, FOTOGRAFIA, LITOGRAVURA/, DE/IGN DE PRODUTO, MARKETING & BRANDING.

TIPOGRAFO/.NET PAULO HEITLINGER 2022

### Como usar este e-book: tire partido da interactividade

Para usar este PDF, opte pelo «reader» original – o Acrobat Reader da Adobe. Os outros softwares não são tão eficientes. Aos leitores menos experientes em usar o **Acrobat Reader**, gostaria de lembrar que podem usar a função «Search» para procurar as ocorrências de qualquer palavra contida no texto. Basta premir Control + F para activar a janelinha de busca.

Se usar o **Acrobat**, poderá anotar os seus comentários directamente «em cima» deste documento, personalizando este seu exemplar.

O **Índice remissivo** (nas últimas páginas) e o **Índice de temas** (no ínicio do livro) oferecem ao leitor links interactivos. Clicando com o rato sobre os números de página destes links, «salta» imediatamente para a página referenciada.

Também as **referências cruzadas** (...veja página xyz...) oferecem esta interactividade. São facilmente identificáveis, semelhantes àquelas que se vêem em páginas-web.

Os web-sites assinalados nos textos também permitem uma activação directa, basta clicar com o mouse, para activar o seu web-browser e abrir a página assinalada, directamente no web-site. (Para que tal aconteça, terá de ter uma ligação online activada.)

#### Venda do formato e-book: termos e condições

Este livro digital (e-book em formato PDF) é vendido em forma de exemplar personalizado, que identifica digitalmente o seu proprietário.

O PDF pode ser impresso pelo proprietário e partes escolhidas também poderão ser projectadas em sala de aula, por exemplo – se for esclarecida qual a origem deste documento e quem o seu autor.

O proprietário deste exemplar também poderá copiar curtos trechos de texto, para simplificar o processo de citações.

Contudo, o exemplar comprado não poderá ser transferido a outras pessoas! A «transferência» deste exemplar a outra pessoa que não o seu comprador é facilmente detectável e servirá para o autor optar imediatamente pelos procedimentos jurídicos que considere necessários, para salvaguardar os seus interesses comerciais e os seus direitos de autor.

All rights reserved. 2022. Copyright by Paulo Heitlinger.

#### **Temas**

remas	3
Introdução	6
Rafael Bordallo Pinheiro	g
Obra	10
Biografia	26
Vinho do Porto, nova imagem	35
Raul de Caldevilla	63
ETP – Estúdio Técnico de Publicidade	76
O impacto da Litografia	81
Enquadramento 1	81
Preparação de um cartaz litográfico	94
Fred Kradolfer	99
A obra	100
Publicidade em sala de cinema	107
Lambrilhas	112
Exposições fascistas do «Estado Novo»	119
Pintura de Cavalete	123
Biografia Fred Kradolfer	128
Enquadramento, 2	140
O «Sachplakat», 1920-1950	140
Bernardo Marques	148
Biografia de Bernardo Marques (1898-1962)	169
Cronologia de Bernardo Marques	174
Exposições do «Estado Novo»	176
Exposição Ibero-Americana, Sevilha, 1929	177
Exposição Colonial, Paris, 1931	179

Exposição Colonial, Porto, 19341	.83
Exposição Internacional de Paris, 19371	87
Exposição de Nova Iorque, 19391	93
Golden Gate Exposition, San Francisco, 1939 1	96
Exposição do Mundo Português, 19401	97
O Sr. António Ferro2	02
Enquadramento 32	05
Desenho de Letras, manual2	05
José Rocha2	10
José Rocha (1907–1982) e a ETP2	218
Thomáz de Mello (TOM)	221
Bonecos2	22
Thomaz de Mello (1906-90)2	37
Luis Dourdil (1914 - 1989)2	39
Turismo no «Estado Novo»	241
Evolução do Turismo2	42
Emmérico Nunes2	:48
Emmérico Nunes (1888–1968)2	50
Enquadramento 4	:64
A noite lisboeta2	66
Jorge Barradas2	:69
Biografia de J. Barradas (1894–1971)2	70
Cerâmicas de Jorge Barradas2	73
Eduardo Anahory	281
Biografia de E. Anahory (1917–1985)2	83
Almada Negreiros	:85
Biografia Negreiros2	90

Maria Keil297	Vista Alegre469
Biografia Maria Keil298	Móveis Olaio475
Stuart Carvalhais301	Metalúrgica da Longra481
Stuart Carvalhais (1888 – 1961)330	Daciano da Costa (1930-2005)484
Arte Nova em Portugal336	Marketing489
Art-Déco em Portugal366	Marketing para conservas de peixe490
O estilo que veio de França368	Campanhas para a Produção Agrícola501
Arquitectura e Interiores373	Revista do Lar507
Café Imperial, Porto 374	«Arte popular portuguesa»509
Charles Siclis e a Vila Serralves381	O Museu de Arte popular516
Manuel Marques (1890 – 1956)384	Discurso de A. Ferro na Expos. de Arte Popular (1936)519
Porfírio Pardal Monteiro (1897–1957)386	Sebastião Rodrigues522
Cassiano Branco (1897–1969)392	Anos 40, 50523
Jorge Segurado397	Anos 70551
Cottinelli Telmo415	Capas de livro 578
Artes aplicadas Art-Déco419	Sebastião Rodrigues (1929 - 1997)591
Porcelana Art-Déco432	Paul Rand, WPA: comparações594
Design de Produto435	Revistas Ilustradas597
Sabonetes Claus Porto436	Ilustração (1926-39)598
Sabonetes Confiança (desde 1894)442	Revista ABC599
Nally, perfumes445	Voga600
Oliva, a máquina de costura portuguesa446	Século Ilustrado601
Fundição de Oeiras457	Ilustração Portugueza (1903 – 1977)602
Zelly, marca de farinhas461	Cinéfilo (1928-1939) 606
Viarco, marca de lápis462	Occidente (1878-1909)609
Bonbons Arcádia465	Contemporânea (1915-1926)612

ver e Crer (1945–50)	615
A revista fascista Sinal	618
Seara Nova	623
Desenho de Letras	627
Tipografia Art-Déco	628
A fonte Cantoneiros	630
Altas e esguias: a fonte Bertrand	638
Fonte digital Vitália	647
Outros exemplos de lettering Art-Déco	658
Sena da Silva (1926-2001)	672
Núcleo de Arte e Arquitectura Industrial	677
Paulo-Guilherme d'Eça Leal,Yê-Yê	678
Robin Fior	686
Fotografia	691
Artur Pastor (1922 – 1999)	692
O Estúdio Horácio de Novais	698
Fotografia «de Estado»	702
Bibliografia / web-sites	
Índice Remissivo	



# Introdução

sta documentação pretende contribuir para divulgar e compreender a evolução do Design em Portugal, discutindo as obras fundamentais dos primeiros 100 anos: o período entre 1870 e 1970, com obras da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro, do atelier de Raul de Caldevilla (pág. 62), de José Rocha (pág. 209), de Bernardo Marques (pág. 6), Stuart Carvalhais (pág. 331), Fred Kradolfer (pág. 127), Jorge Barradas (pág. 268), Maria Keil (pág. 297) e outros membros do gabinete de publicidade ETP.

Os artistas gráficos mais modernos aqui apresentados são Sebastião Rodrigues, Sena da Silva e Paulo-Guilherme. A compilação termina antes da data crucial que irá mudar radicalmente toda a cena cultural em Portugal: 1974. Contudo, deixa projectado o que vem depois – já que várias biografias continuam para além do 25 de Abril.

estudo aprofundado das obras dos designers escolhidos para integrar este e-book permitirá perceber a sua importância no panorama nacional e perceber a sua contextualização no panorama internacional. Espero não ter caído no erro fatal que consiste em evitar a análise política e social de uma produção de Design gráfico que teve



Cartaz, Design: TOM. Museu de Arte Popular,

Lisboa, 1960. 1,06 m x 77 cm

um quinhão muito importante orientado para a propaganda do Estado fascista português.

e facto, Portugal assume uma posição única no campo do Design de Comunicação: dezenas de artistas gráficos fizeram continuamente a apologia do regime fascista, prestando-lhe os mais variados serviços. Em vez de reforçar a já fraca auto-confiança dos Portugueses, o Design de Comunicação debilitou-a ainda mais, dando continuamente voz e expressão à propaganda de Salazar.

História do Design Português ainda não tinha sido feita de modo sistemático e consistente – apesar de já existirem contributos para a sua compreensão, através de teses de mestrado e doutoramento e de alguns poucos livros e catálogos. É, no entanto, possível traçar a evolução da concepção e produção de artefactos em Portugal no fim do século XIX e ao longo do século XX, tentando perceber quais foram os seus protagonistas, a sua relação com factores sociais, económicos, políticas e influências vindas do estrangeiro.

Este esforço não pretende ser a usual celebração condescendente, nem a mera cronologia dos objectos e dos seus autores, mas um registo dos modos de vida (e, frequentemente, das limitações intelectuais) que a cultura material traduz.

retendi construir um registo comentado das soluções projectuais de origem portuguesa e dos principais protagonistas; construir o esclarecimento das (poucas) contribuições portuguesas para o Design internacional, analisando artefactos e produtos, publicações e comunicações que fossem suficientemente paradigmáticos. É importante compreender a singularidade do Design português, isolado pelo sistema político do intercâmbio internacional, que foi tão característico e estimulante no Design do século xx.

Um Design que se viu separado do Modernismo europeu, sem qualquer interacção (ou mesmo uma simples recepção) dos polos cristalizadores desta causa: Werkbund, Oficina Vienense, Bauhaus, etc.

ara alguns leitores pode não parecer plausível o espaço ocupado neste livro pela Arquitectura. Dois motivos fazem justificável esta escolha. Primeiro: de 1900 a 1950, muitos arquitectos foram designers – e quase todos os designers foram também arquitectos. Este facto registou-se em Portugal e em



Comed fruta española. Penagos, Rafael de (1889-1954) - Dibujos, grabados y fotografías 1930. muitos outros países. Segundo: registou-se frequentemente um estreita colaboração entre arquitectos e os chamados «decoradores», nomeadamente nos projectos de pavilhões de exposições e nas peças ali expostas. Omitir os arquitectos, seria contar metade da história...

as já mencionadas teses de Mestrado e Doutoramento, praticamente nenhuma quis fazer uma comparação de conteúdos, técnicas e estilos vigentes em outros países da Europa e nos EUA. Para esse efeito compilei textos e reuni imagens, que, aqui agrupadas de modo minimamente coerente, ficam disponibilizados para o prazer dos aficionados, para o estudo mais sistemático – e para o ensino, nos liceus e nas universidades portuguesas, espanholas, brasileiras e latino-americanas. Muitas imagens estão organizadas e dispostas de modo a que possam ser usadas em projecções feitas com um «data-show», em apresentações ou em aulas.

Outra novidade apresentada neste livro é a discussão do panorama tipográfico português, na primeira metade do século XX. Apresento uma série de desenhos de letra típicos do período em questão.

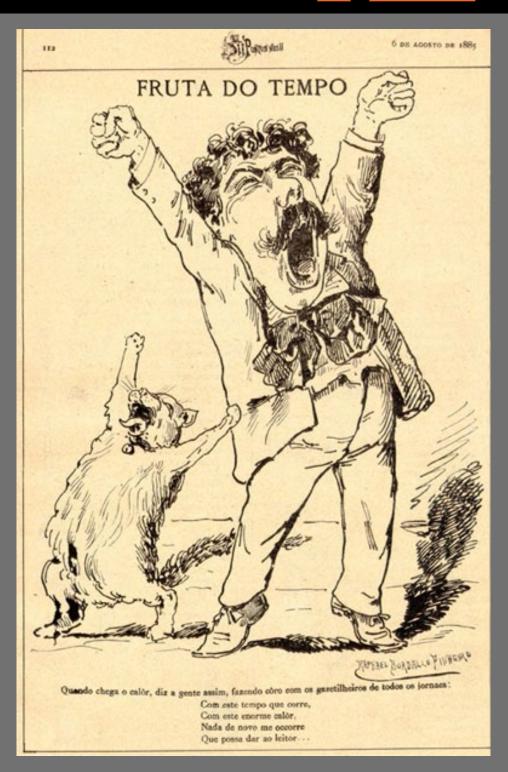
Paulo Heitlinger



Margaret Monck, Man, Quayside with Bird Cages (Portugal). Década de 1930–1940. Enquanto os artistas gráficos portugueses produziam «bonecos» às dúzias, alguns fotógrafos estrangeiros mostravam a outra cara de Portugal.

## RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

*llustração Portuguesa* Revista ilustrada Capa / 21.2.1914



#### Obra

Poucos artistas respiráram a plenos pulmões a liberdade de expressão que reinou em Portugal, umas duas curtas décadas. Espírito autónomo, inteligente, e artista consumado: Bordallo Pinheiro não teve rivais, nem permite comparações. Foi único.

Almanach de Caricaturas. Revista ilustrada 1875.



### Revista ilustrada O António Maria

O homem dos sete instrumentos **Revista** O António Maria Ilustração litográfica monocromática. Rafael Bordallo Pinheiro. Janeiro de 1881. Fonte: Hemeroteca de Lisboa.



a década de 1880, o panorama artístico português mostrava mais sinais de energia, pois, como afirmou Sandra Leandro, comparando «com a década anterior é inegável a existência de um maior dinamismo no domínio das artes».

Novas revistas e jornais foram criados, adoptando cada vez mais a imagem ilustrativa, primeiro com a litogravura e depois com a fotografia, para vitalizar as suas páginas.

Em 1878 foi fundado o ultraconservador magazine *Occidente*, que durou até 1915. Em 1879, Rafael Bordalo Pinheiro chegou do Brasil e logo criou um novo jornal de caricaturas, *O António Maria*, que apesar de uma interrupção de seis anos (1885-1891), durou até 1898.

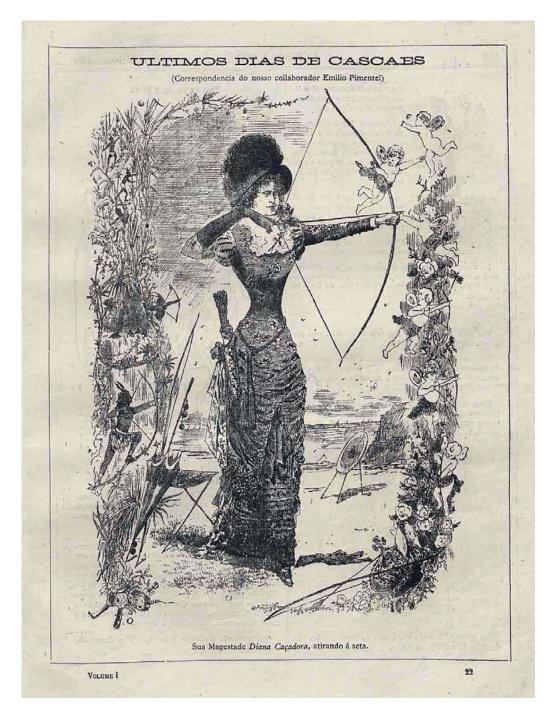
Em ambos os periódicos seria feita a crónica da Lisboa do final do século, no primeiro de forma tetógrada e no segundo de um modo vincadamente satírico.

«Últimos dias de Cascais». Revista

O António Maria. 1879. Ilustração litográfica
monocromática da autoria de

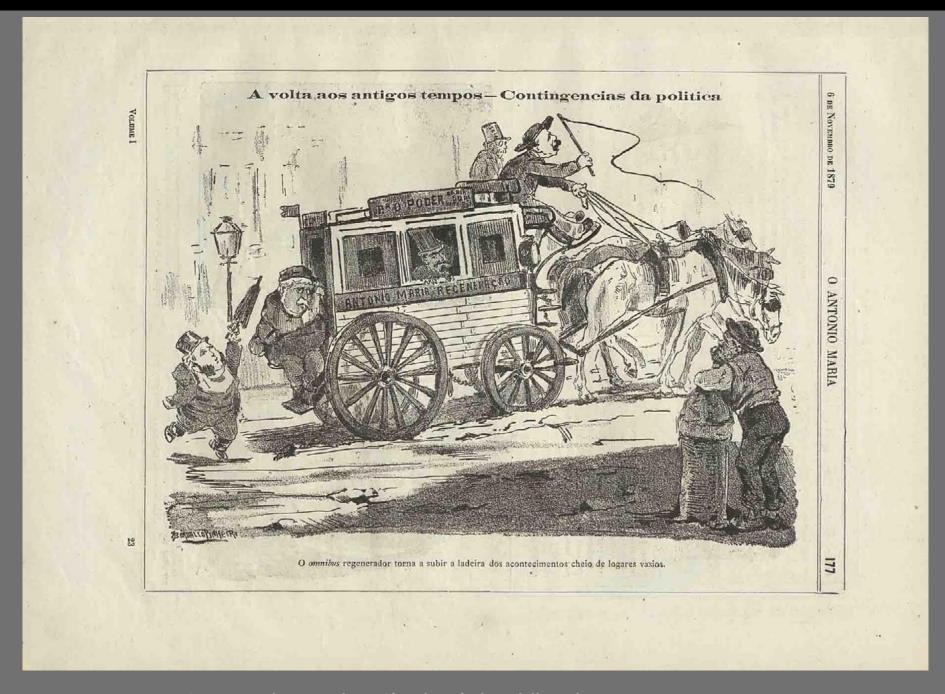
Rafael Bordallo Pinheiro.

Fonte: Hemeroteca de Lisboa.

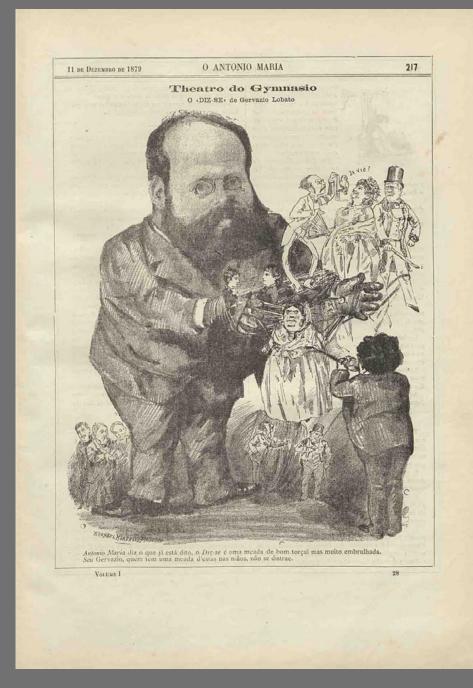


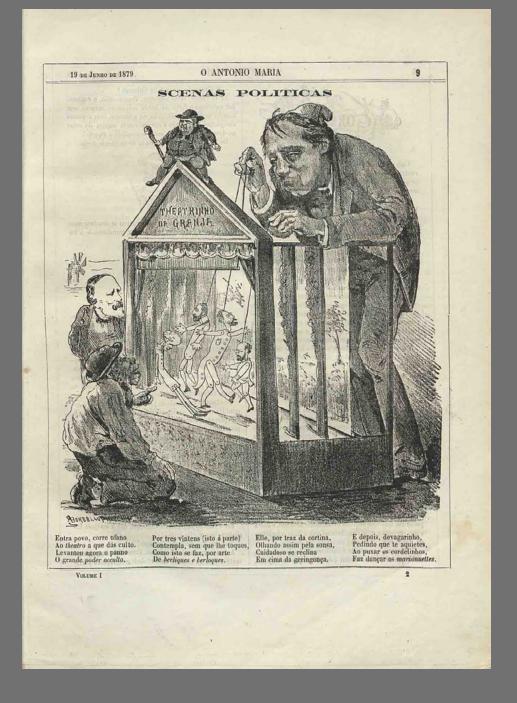
Revista *O António Maria*. 1879. Ilustração litográfica monocromática Rafael Bordallo Pinheiro. Fonte: Hemeroteca de Lisboa.





O António Maria. Ilustração litográfica de Rafael Bordallo Pinheiro. 1879. Fonte: Hemeroteca de Lisboa.

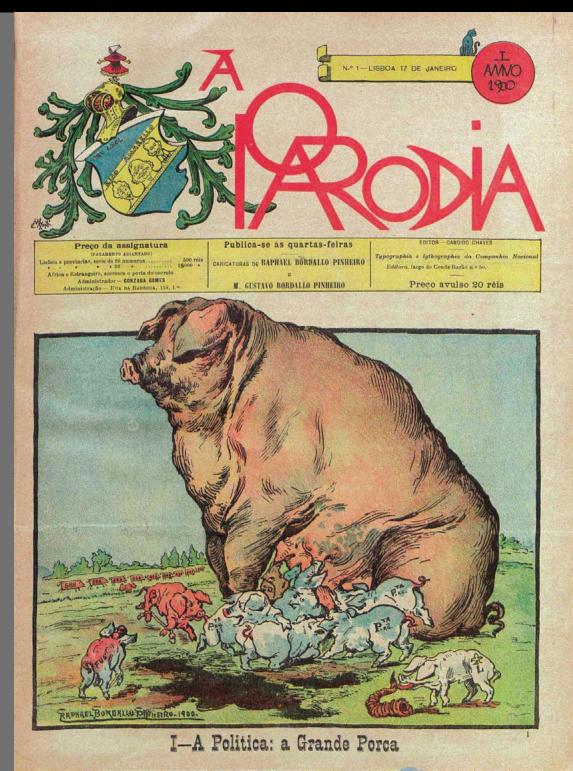




*O António Maria*. Ilustrações litográficas de Rafael Bordallo Pinheiro. 1897. Fonte: Hemeroteca de Lisboa.

### Revista ilustrada A Paródia





A Paródia (1900-1907)
Rafael Bordallo Pinheiro
A Política – a grande Porca
Ilustração litográfica de capa.
1900. Hemeroteca de Lisboa.

Este semanário satírico fez escola
no Design editorial de 1900.
Foi o mordaz comentário da actualidade
política e social com o traço
satírico de Rafael Bordalo Pinheiro.
Através da caricatura e da sátira, este artista
denunciou a engrenagem social e política
contribuindo de alguma forma para a queda da
monarquia portuguesa, já putrefacta.

Introduziu texto previamente preparado
à parte, na pedra desenhada pelo litógrafo.
Combinava as técnicas de imprensa
da época: Tipografia de composição manual, litografia manual e calcografia.



A Finança: o Grande Cão. 1900.

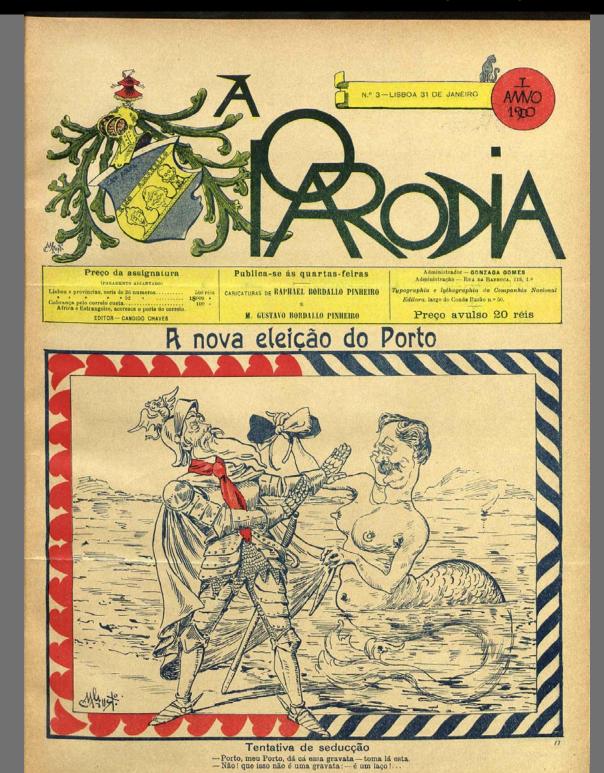
R. Bordallo Pinheiro. Ilustração
litográfica de capa da revista
A Paródia, impressa na Typographia e
Lytographia da Companhia Nacional
Editora, Largo do Conde Barão, em
Lisboa, a 24 de Janeiro de 1900.
Hemeroteca de Lisboa.

Nas capas das revistas ilustradas de R.B. Pinheiro, a imagem (litográfica) era o conteúdo mais importante; o discurso escrito ficava para segundo plano. No semanário A Paródia, o traço gráfico era a sátira dos «podres» de uma sociedade burguesa.



A Paródia Ilustração litográfica de Rafael Bordallo Pinheiro A Instrucção Pública - a Grande Burra. 1901.

Hemeroteca de Lisboa



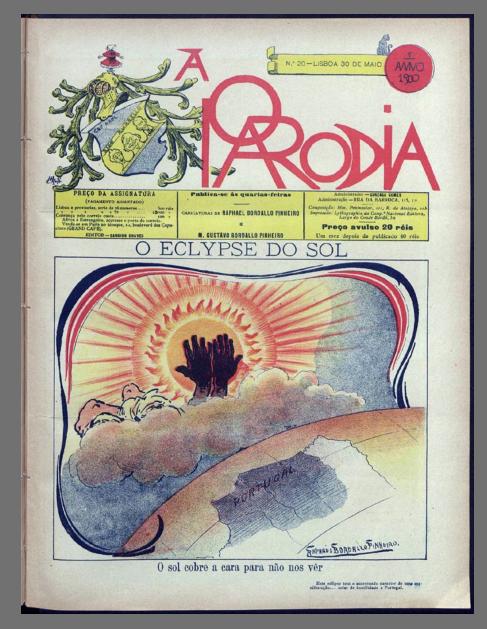
Revista A Paródia Ilustração litográfica A nova eleição do Porto 1900. Fonte: Hemeroteca de Lisboa. Search: CTRL+F

N.º 14-LISBOA 18 DE ABRIL Administrador — CONZAGA COMES

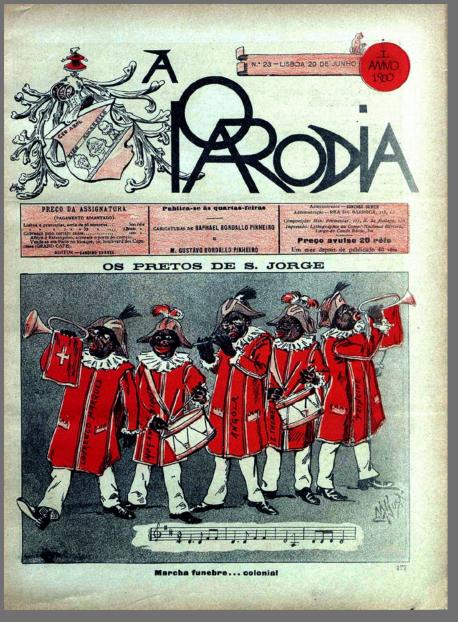
Administração — RUA DA BARROCA, 115, 1.\* Publica-se ás quartas-feiras PREÇO DA ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADIANTADO) Composição: Min. Peninsular, 111, R. da Atalaya, 115 isboa e provincias, serie de 36 numeros ... 500 réis ... 500 ne .. Impressão : Lythographia da Comp.\* Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50 CARICATURAS DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO Preço avulso 20 réis M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO Um mez depois de publicado 40 réis EDITOR - CANDIDO CHAVES DESCOBERTA DO BRAZIL RAPAREL BORDALLO PINHEIRO Pedro Alvares Cabral e o seu camarada 105

A Paródia Ilustração litográfica de Rafael Bordallo Pinheiro A Descoberta do Brazil. 1900.

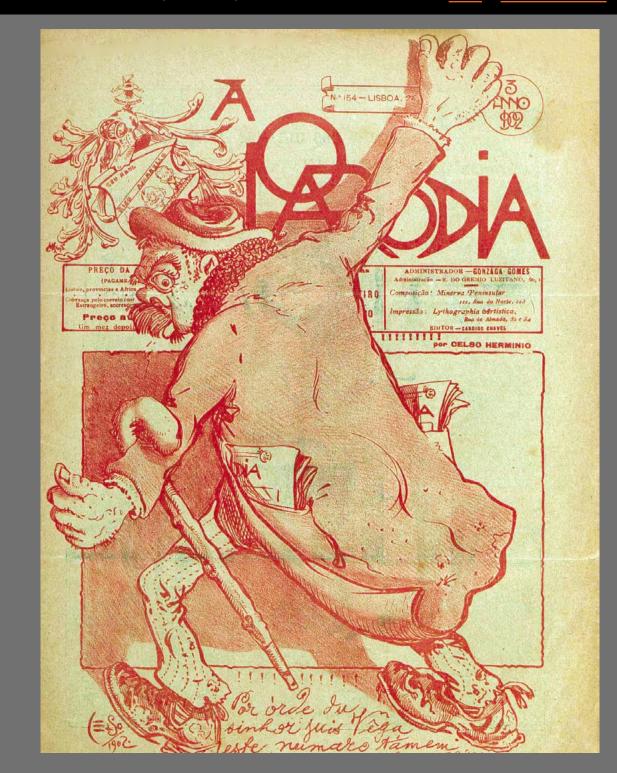
Hemeroteca de Lisboa.



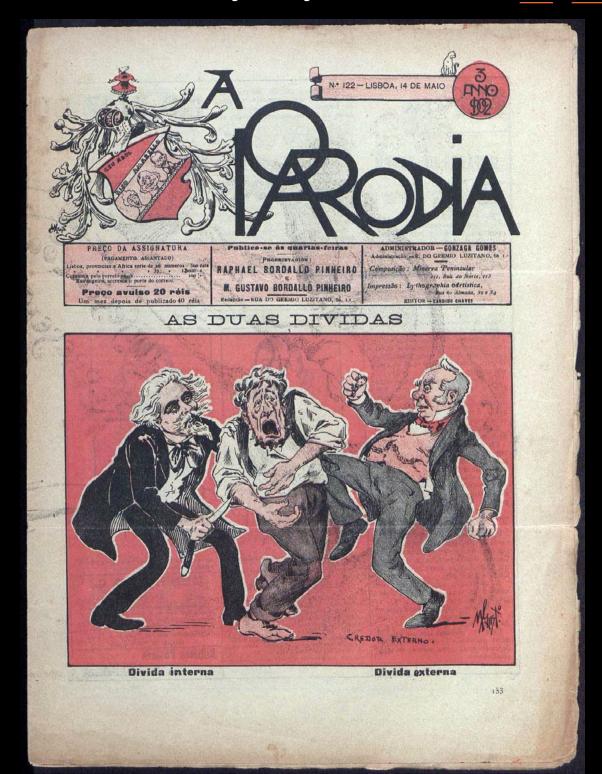
A Paródia / Ilustração litográfica de Rafael Bordallo Pinheiro. O Eclypse do Sol. 1900. Hemeroteca de Lisboa



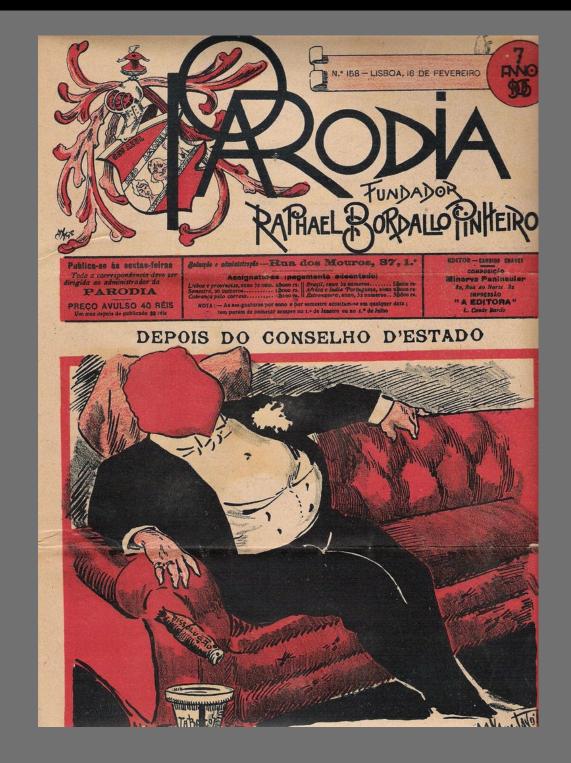
A Paródia / Ilustração litográfica de Rafael Bordallo Pinheiro. Os Pretos de São Jorge 1900. Hemeroteca de Lisboa.



A Paródia Ilustração litográfica de Rafael Bordallo Pinheiro. 3º ano. 1902. Hemeroteca de Lisboa. Search: CTRL+F



Paródia Ilustração As duas Dividas 3º ano. 1902. Hemeroteca de Lisboa.



Paródia Ilustração litográfica de Rafael Bordallo Pinheiro. Capa / 24.12.1913

# Biografia Raphael Bordallo Pinheiro (1846-1905)

A vasta obra litográfica de RBP espalhou-se por dezenas de livros e publicações em Portugal, Espanha, França e Brasil. Foi precursor do cartaz artístico e um dos pioneiros da Banda Desenhada em Portugal.

etratos muito mais vivos, muito mais parecidos com o original do que as próprias fotografias das personagens que representam, desenhou--os ele de um só jacto na pedra litográfica ou no papel autógrafo, entre a meia-noite e as cinco horas da madrugada, em pé à banca, sob a luz crua e mordente do gás, sempre à última hora, febricitante de pressa, escorrendo suor, com a testa e o nariz manchado de prêto pelas dedadas de craião, fumando àvidamente cigarretes, falando sempre, cantando, assobiando ou deitando complacentemente a língua de fora às figuras .... Assim descreveu Ramalho Ortigão a maneira de trabalhar de Rafael Bordallo Pinheiro, n'*As Farpas*, em Abril de 1882. Em 1891, Ortigão volta de novo a escrever sobre o artista: «Genuinamente português por constituição



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO - Desenho original de Columbano Bordallo Pinheiro

e por temperamento, de olhos pretos, nariz grosso, cabelo crespo, tendendo para a obesidade, ele é um sensual, um voluptuoso, um dispersivo, um desordenado. Uma das mais belas virtudes que ele não tem, é a que consiste em vencer os impulsos da natureza. Desgraçadamente, observa-se com frequência que os homens rígidos, que mais exemplarmente triunfam das próprias paixões, não triunfam de mais nada.»

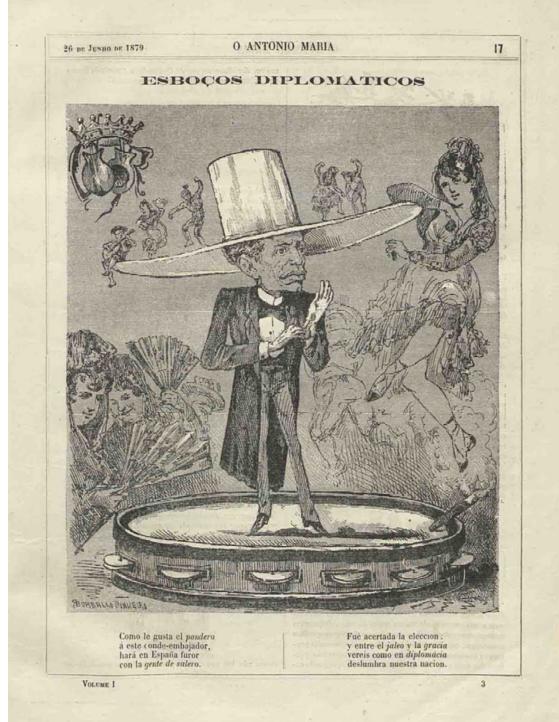
afael Bordalo Pinheiro, brilhante ilustrador, litógrafo, caricaturista e ceramista, foi influenciado pelo ambiente da casa paterna. O seu pai, Manuel Maria Bordalo Pinheiro, funcionário do Estado, foi um pintor romântico sem grande mérito, mas com muito entusiasmo. Já o irmão,

Columbano Bordalo Pinheiro, tornou-se um pintor consumado (pág. 33).

Em 1860 (portanto com 13 anos) inscreve-se no Conservatório de Lisboa e matricula-se na Academia de Belas Artes (Desenho de Arquitectura Civil, Desenho antigo e Modelo vivo), depois no Curso Superior de Letras e na Escola de Arte Dramática.

Estreia-se muito jovem no Teatro Garrett como actor, embora nunca venha a fazer carreira no palco. Em 1863, o pai arranja-lhe um lugar na Câmara dos Pares, onde descobre a sua verdadeira vocação, derivado das intrigas políticas dos bastidores.

Começa por tentar ganhar a vida como pintor com composições realistas apresentando tra-



balhos em 1868 na exposição da Sociedade Promotora de Belas-Artes, onde mostra 8 aguarelas inspiradas em costumes e tipos populares. Em 1871 recebe um prémio na Exposição Internacional de Madrid. Mas, certo pelo certo, e paralelamente às «Belas Artes», vai desenvolvendo a sua faceta de ilustrador e decorador.

m 1870, o sucesso obtido por uma caricatura alusiva à peça *O Dente da Baronesa* revela um talento e vai dirigir a direcção da sua carreira profissional. Esse ano vê surgir o álbum de caricaturas *O Calcanhar d'Aquiles*, a folha humorística *A Berlinda*, da qual saem sete números, e *O Binóculo*, periódico semanal à venda nos teatros, com quatro números publicados. Deu ainda à estampa o *Mapa de Portugal*, com vendas superiores a 4.000 exemplares, no espaço de um mês.

Entre 1873 e 1875, colabora como ilustrador nos periódicos *Illustración de Madrid, Illustración Española y Americana, El Mundo Cómico, El Bazar*, em várias revistas francesas e inglesas, além do prestigiado *Illustrated London News*, que lhe dirige convites de trabalho em Londres, que Bordalo não aceita.



Cerâmica decorativa. Fábrica das Caldas da Rainha.

m 1875 cria a celebérrima figura do Zé Povinho, publicada n'*A Lanterna Mágica*. A figura popular Zé Povinho que criou, veio a tornar-se o símbolo do povo português, lado a lado com o John Bull britânico e o Michel alemão.

Surge uma proposta de colaborar n'*O Mosquito*, jornal brasileiro de humor, e no Verão de 1875 parte para o Rio de Janeiro, onde vive quatro anos, apesar duma difícil adaptação ao meio. No Brasil cria duas revistas de caricaturas: o *Psit!!!* (1877) e *O Besouro* (1878–79). Nascem do seu lápis personagens da sociedade carioca, tais como o *Psit!*, o *Arola* ou o *Fagundes*. Do Brasil envia a sua colaboração para Lisboa, voltando a Portugal em 1879 e lança *O António Maria*.

afael Bordalo Pinheiro mostrou modernidade, optimismo e uma excepcional tranquilidade com que moldou a sua agitada vida. Cedo percebeu o fatalismo e o atraso mental do seu país, a sua sebastiana megalomania, a sua preguiça e trafulhice – e ficou convencido que estes defeitos crónicos não tinham cura. Deste modo, não optou pela acção política e adoptou o cinismo como profissão.

Descria, como a maioria dos intelectuais burgueses do seu tempo, da falida e podre Monarquia, mas, ao contrário de muitos, não foi grande entusiasta da República. Sabia que Portugal seria sempre um peão no palco polí-



Cerâmica decorativa. Fábrica das Caldas da Rainha.

tico internacional, manipulado pelo John Bull ou pelo Kaiser alemão.

Zé Povinho, saloio esperto e matreiro, sem moral, se pudesse, trepava para as costas dos que o cavalam a ele. Não gosta de trabalhar e prefere resignarse do que a combater. O seu manguito é o seu gesto filosófico perante os desacertos do mundo. Esta descrença foi para Rafael Bordalo Pinheiro uma filosofia social, ancorada na caricata passividade portuguesa. Trabalhando no jornalismo, gostava das máquinas e das novas tecnologias de edição. Gostava de trabalhar em conjunto, posicionandose na cadeia de produção em lugar estratégico, dominando e intervindo em todas as fases. Mas revela a sua excelência no trabalho solista como litógrafo.

ordallo Pinheiro também embarcou na aventura de fazer uma fábrica para renovar as artes da cerâmica. Em 1885 começa o fabrico da louça artística na Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha. No projecto propõe uma cerâmica ora popular, ora patética. A louça que desenha- mistura o Naturalismo romântico, elementos Arte Nova e a sua própria iconografia, transformando caricaturas desenhadas em figuras tridimensionais..

Bordallo Pinheiro integrou o *Grupo do Leão* (1881–89), importante formação livre apoiada por Alberto de Oliveira (1861–1922), que reuniu artistas, escritores, intelectuais em torno de Silva Porto (1850–1893) e incluiu os pintores



Zé Povinho, em cerâmica.

José Malhoa (1855–1933), António Ramalho (1859–1916), João Vaz (1859–1931), Moura Girão (1840–1916), Henrique Pinto (1853–1912), Ribeiro Cristino (1858–1948), Rodrigues Vieira (1856–1898), Cipriano Martins e ainda Columbano, que pinta o célebre retrato de grupo (1885) onde figuram estes protagonistas à mesa do Leão d'Ouro, acompanhados por Manuel Fidalgo e outro dos criados daquela cervejaria lisboeta.

Também Raphael caricatura os mesmos na *Alegoria ao Grupo do Leão*, óleo a simular azulejo, em que cada artista surge com os atributos do seu género de pintura.







Vaso cerâmico, da Fábrica das Caldas da Rainha.





Figuras de cerâmica. Fábrica das Caldas da Rainha.



O *Grupo do Leão*, uma tertúlia de artistas portugueses, reunia-se na *Cervejaria Leão de Ouro* em Lisboa, entre 1881 e 1889. Contava com jovens artistas como Silva Porto, José Malhoa e os irmãos Rafael e Columbano

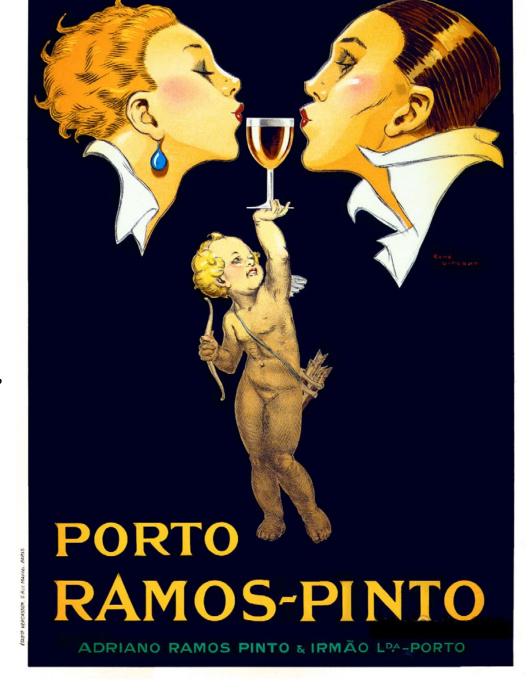
Bordallo Pinheiro. Em 1885 o Grupo do Leão foi imortalizado num óleo sobre tela com o mesmo nome, da autoria do pintor Columbano Bordalo Pinheiro [irmão de Rafael].



m 1880, Adriano Ramos Pinto, um artista portuense de 21 anos, decidiu fundar uma empresa de Vinho do Porto. Em 1896, o irmão António, fotógrafo, junta-se ao negócio e cedo decidem apostar no mercado brasileiro para o qual, nos anos 20, exportam já metade da produção. É certamente o espírito artístico destes irmãos que os leva a apostar numa imagem publicitária de traço ousado e invulgar qualidade, assinada por artistas portugueses e estrangeiros – hoje, um património com o qual nenhuma outra marca de Porto pode competir.



O cartaz mais famoso e mais bem concebido, da autoria de René Vincent, para a empresa Adriano Ramos Pinto. Dimen: 67.5 x 47.5 cm



Adriano Ramos Pinto (1859-1927)

um caso único na história do Marketing em Portugal. Por volta de 1900 operou-se uma importante mudança de paradigmas na comercialização do Vinho do Porto, um dos produtos mais importantes exportados deste país. A mudança operou-se por iniciativa do artista Adriano Ramos Pinto, que substitui o obsoleto imaginário nos rótulos das garrafas, impondo uma iconografia baseada no prazer e na sensualidade. Em 1880, Adriano Ramos Pinto, um artista portuense de 21 anos, decidiu fundar uma empresa de vinho do Porto. Contratou uma série de artistas gráficos para remodelar o imaginário presente nos rótulos.

Na imagem: um rótulo da concorrência reflecte um conceito publicitário já ultrapassado.

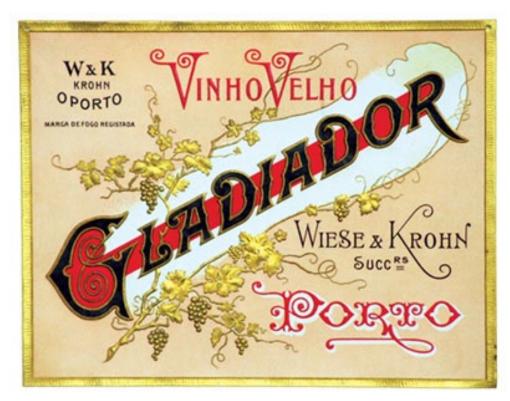


Vinho do Porto apregoado como "tónico nutritivo".

Adriano Ramos Pinto não apostou em asneiras deste tipo, em elementos tradicionais do Vinho do Porto, como o "envelhecimento em casco" as "medalhas obtidas", etc. Em vez destas convenções ultrapassadas, apostou no prazer e na sensualidade.

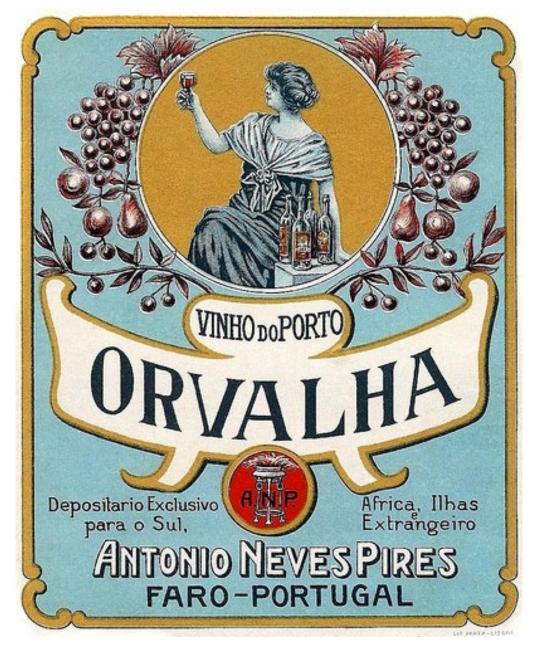


O VINHO DO PORTO É UM VINHO NATURAL, SUJEITO A CRIAR DEPÓSITO COM A IDADE RECOMENDA-SE



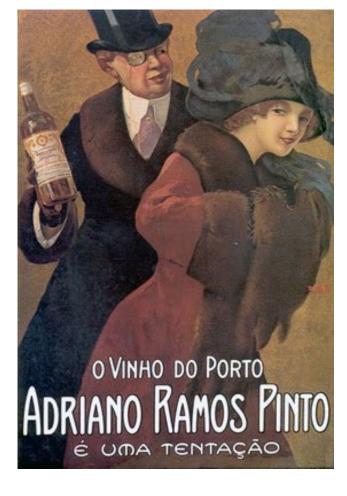
Rótulos da concorrência





Oh moço!...Oh gentes!...
Que lindeza!...que esfusio!...
que encrenca!...
Tem a goustusura do vatapá da
Baía, do bacába e burity, este
Quinado Ramos Pinto!...
É para a gente ficar tiririca!...





Adriano Ramos Pinto começou a produzir anúncios específicos para os seus diferentes públicos-alvo.

À esquerda: Brasil; em cima: Europa.



Motivo publicitário "inspirado" na obra publicitária de Alfonse Mucha, Paris



Diga então qual é o melhor Vinho do Porto? É o RAMOS PINTO!



Até os santinhos podem ser levados à tentação... Em vez de usar as convenções ultrapassadas, Ramos Pinto apostou no prazer e na sensualidade.



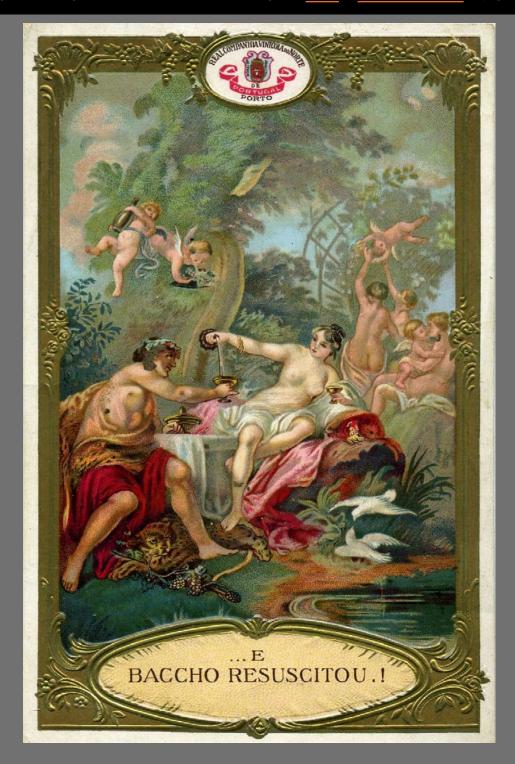
Adriano Ramos Pinto fundou a sua casa comercial no ano de 1880, com apenas 21 anos. A sua publicidade foi considerada escandalosa, pelos critérios moralistas da "boa gente" do Porto.



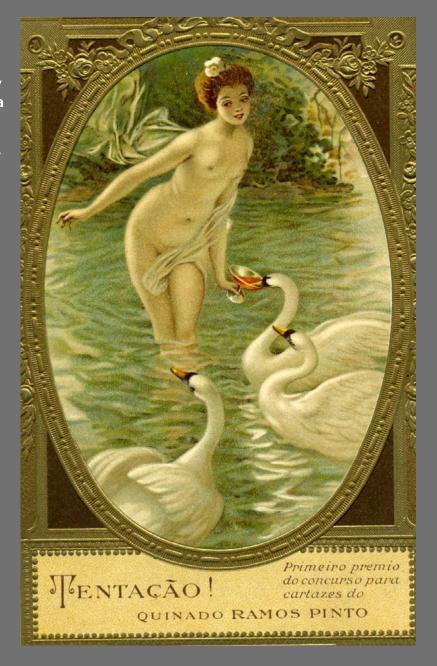
O Vinho do Porto Adriano Ramos Pinto dá alegria aos tristes e audácia aos tímidos, como dizia dithyrambo grego.

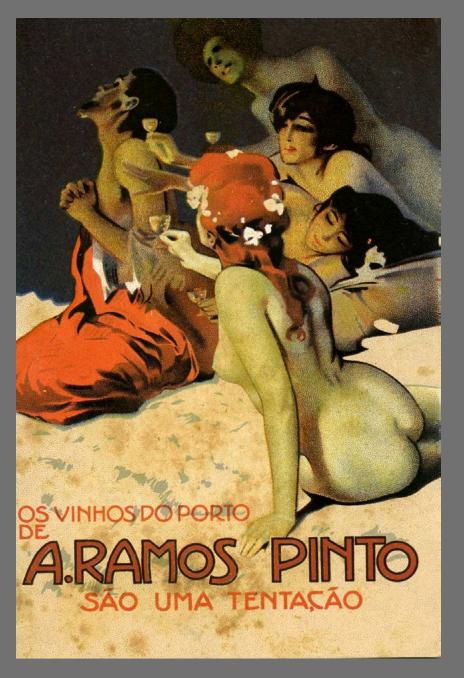


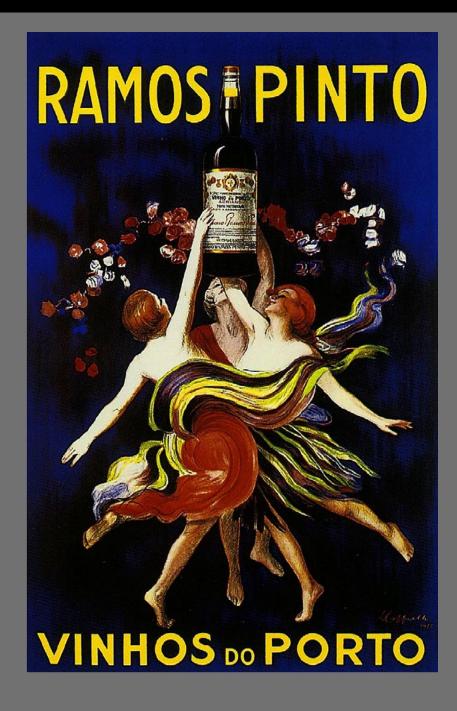
**Adriano Ramos Pinto** 

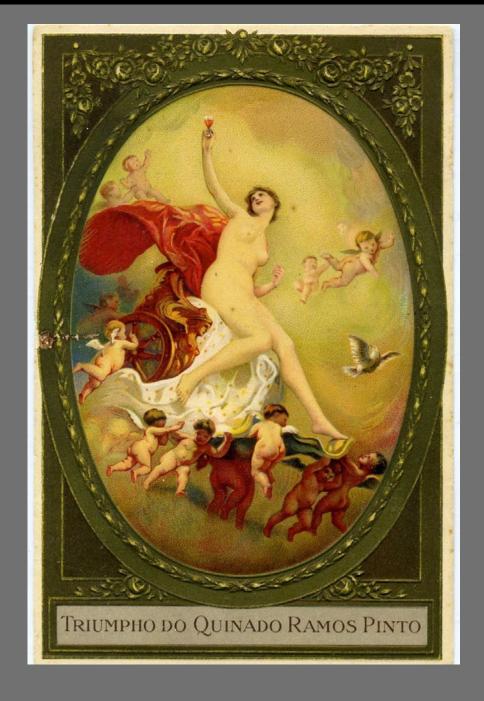


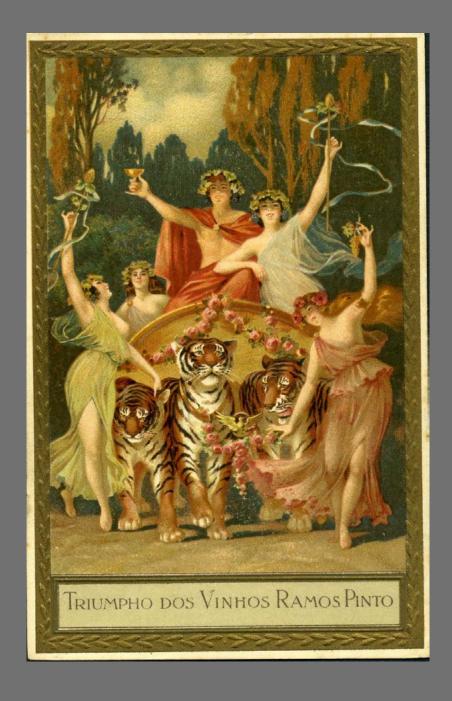
Adriano Ramos Pinto fundou a sua casa comercial no ano de 1880, com apenas 21 anos. A sua publicidade foi considerada escandalosa, pelos critérios moralistas da "boa gente" do Porto.

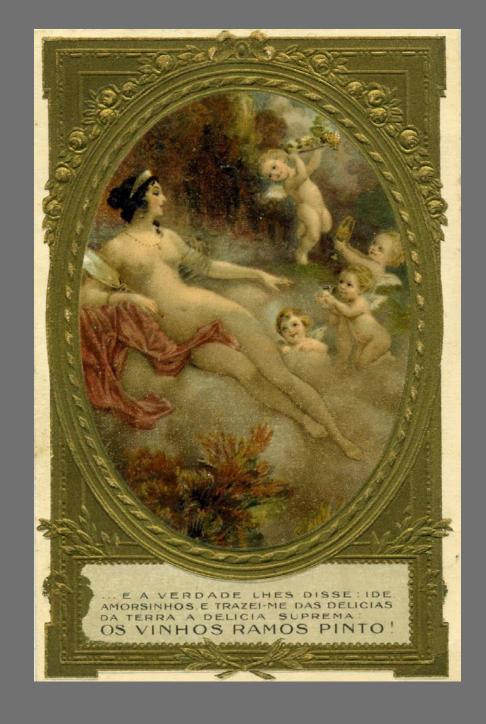


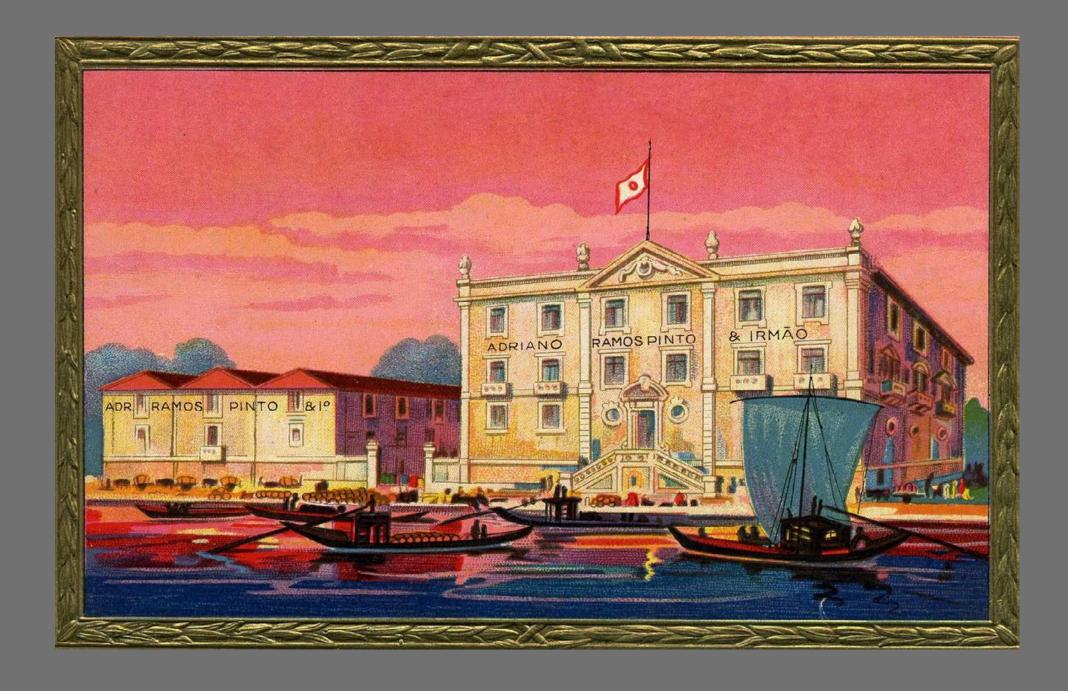














Da série Vistas do Porto: o (antigo) Palácio de Cristal.

